

# **A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM PEQUENAS CIDADES: O CASO DE FLORA RICA.** Paulo Fernando Jurado da Silva, Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito. – Geografia - Departamento de Geografia – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Campus de Presidente Prudente

## **1. INTRODUÇÃO E DISCUSSÃO DO TEMA**

### **1.1 O estudo das pequenas cidades**

Ao empreendermos um recorte analítico e específico sobre a urbanização brasileira, logo poderíamos imaginar o cenário das grandes metrópoles e dos importantes centros nacionais, pois eles se consolidaram, no imaginário das pessoas, como o espaço das relações de poder econômico, político, social e cultural da nação. Contudo, a proposta desta pesquisa pautou-se num sentido diferente dessas observações porque achamos que, antes de tudo, é necessário que compreendamos também os espaços das pequenas e médias cidades. Na verdade, o fenômeno das cidades médias vem ganhando força nos estudos e análises realizados em Geografia, enquanto que as cidades pequenas muitas vezes não são estudadas com tanta acuidade e geralmente os trabalhos realizados se apresentam com um grau de sistematização superficial.

O tema desta pesquisa centrar-se-á no âmbito contextual das pequenas cidades, e para tanto, é necessário que sigamos determinados procedimentos de análise. Para entendermos as relações que se constroem dialeticamente no meio geográfico das pequenas cidades é essencial que recorramos ao estudo de produção do espaço urbano e que tenhamos, como ferramentas de compreensão, os conceitos de paisagem e espaço, para que assim possamos articular as escalas de territorialização dos fenômenos. Carlos (1994), ao discutir as questões da produção do espaço urbano afirma que

é mister pensar as contradições que emanam da observação da paisagem e das questões que esta nos apresenta. O que ela oculta? Como os homens produzem a cidade e nela vivem? Como ela se reproduz no cotidiano das pessoas e por meio dele? Como se cria a coisificação de um ato essencialmente humano que cria e dá conteúdo a vida ao nosso tempo em que reproduz a idéia de estranhamento e redefine a de liberdade? (CARLOS, 1994, p.65).

Em geral, a produção do espaço urbano nas pequenas cidades está estritamente ligada à questão da ruralidade presente no espaço urbano e à forma como a cidade se insere na rede urbana. A proposta desta pesquisa tem como fio condutor trabalhar com as diversas variáveis que compõem as relações entre o urbano e o rural e associar a perspectiva de produção do espaço urbano às relações gerais de cunho regional e identificar o papel e a função das pequenas cidades, e como estudo de caso, teremos a cidade de Flora Rica, no Estado de São Paulo.

Santos (1982), ao analisar o espaço urbano, empreende recortes e escalas de interpretação e utiliza algumas categorias que poderiam ser consideradas para o estudo das pequenas, médias e grandes cidades e, portanto, a cidade poderia ser entendida como uma "aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações", onde são deixadas de servir "às necessidades da atividade primária para servir às necessidades inadiáveis da população com verdadeiras especializações" (p.71). Analisando as indicações de Santos podemos compreender que não podemos fomentar o estudo reducionista e simplista da realidade urbana. Não podemos cometer o equívoco de classificar uma cidade somente por estatísticas demográficas, mas pela complexidade das relações e atividades exercidas na produção do espaço. Flora Rica atende, portanto, às necessidades inadiáveis da população e se consolida como urbano, mesmo que numa relação frágil e delicada.

Quanto à perspectiva de se estudar as relações entre o urbano e o rural, encontramos em Wanderley (2001) pressupostos teóricos relevantes. Ela realizou um estudo sobre a urbanização e a ruralidade dos pequenos municípios de Pernambuco apresentando como categorias de análise para interpretação da trama social e espacial das pequenas cidades, o exercício das funções propriamente urbanas, a intensidade do processo de urbanização, a presença do mundo rural, o modo de vida dominante e a dinâmica da sociabilidade local. Em nossa análise procuramos dar ênfase às categorias

de Wanderley (2001) de maneira aplicada ao contexto da pequena cidade de Flora Rica, para que, desta forma, possamos compreender e analisar de maneira mais profícua o papel das pequenas cidades, as relações existentes entre o urbano e o rural.

Sobre Flora Rica, podemos adiantar que ela se encontra localizada no Oeste do Estado de São Paulo, na região da Nova Alta Paulista (designação utilizada em decorrência da ferrovia), pertencendo à Região Administrativa de Presidente Prudente (divisão regional proposta pelo estado) e à Microrregião Geográfica de Adamantina (proposta pelo IBGE) que é composta pelos municípios de Irapuru, Pacaembu, Flora Rica, Flórida Paulista, Adamantina, Mariápolis, Lucélia, Pracinha, Inúbia Paulista, Salmourão, Sagres, Oswaldo Cruz, Rinópolis e Parapuã. O município é servido pela Rodovia Júlio Budisk que interliga a SP 294, rodovia Comandante João Ribeiro de Barros, escoadouro rodoviário da região da Paulista à Rodovia Raposo Tavares na Alta Sorocabana. O município de Flora Rica possui área estimada em 225 km<sup>2</sup>, com 382m de altitude média e está situado às margens do Rio do Peixe.

## 2. METODOLOGIA

Para entendermos a lógica das cidades pequenas é necessário que relacionemos em nossos estudos os processos intra-urbanos e interurbanos e, desta forma, é necessário que empreendamos observações e muitas leituras acerca do tema estudado que contemplem e possibilitem uma leitura pertinente e crítica da realidade. Sposito (2004) analisa que, nos procedimentos de estudo científico, é necessário que recorramos ao método e a um determinado tipo de linguagem que se contextualize com a realidade estudada e para realizarmos operações de conexão entre o *sítio e a situação* (Dollfus, 1978). É necessário que levemos em conta procedimentos metodológicos que viabilizem o sucesso dos objetivos propostos e, por isso, para atendermos aos objetivos propostos devemos lançar mão de alguns procedimentos. *A priori* foram realizados pesquisa e levantamento bibliográfico acerca do tema proposto com a leitura de livros, jornais, *sites* e periódicos. As análises de cunho demográfico, social, econômico e político foram alicerçadas por informações colhidas junto à Fundação SEADE, ao IBGE e à Prefeitura Municipal; a realização de entrevistas com os moradores da cidade também foi fundamental, principalmente no que tange ao contato com os pioneiros e aos vereadores que puderam contribuir com alguns dados referentes à história do município.

A participação em eventos promovidos pelo GASPER (Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais) como seminários e debates, propiciaram um grau maior de discussão dos temas trabalhados na pesquisa e foram extremamente relevantes para o desenvolvimento da pesquisa. Os resultados e dados das visitas a campo foram úteis, na medida em que possibilitaram o vislumbamento das relações sociais presentes no espaço estudado. Os resultados da pesquisa são, portanto, fruto de um conjunto de etapas que foram sendo construídas e (re)modeladas com o passar do tempo, possibilitando desta forma, a construção e sistematização do relatório de pesquisa.

## 3. A REDE URBANA E AS RELAÇÕES ENTRE O URBANO E O RURAL: ALGUNS RESULTADOS

Na década de 1950 o Brasil passa por um processo de transformação social, econômica e política, com a construção de novos papéis urbanos, novas regiões como a Nova Alta Paulista, novas (re)definições territoriais com o pipocar de centros urbanos que não necessariamente surgiram em decorrência de números populacionais, mas em decorrência da política e de outros fatores como a especulação empreendida pelas companhias de colonização e pelos latifundiários que queriam aumentar extraordinariamente seus lucros. Os colonos tinham de se fixar em determinadas localidades próximas aos centros urbanos que pudessem atender às demandas inadiáveis da população, daí a grande fragmentação do território paulista. Com o advento e consolidação da urbanização brasileira as cidades ganham uma nova dimensão de papéis, por sua vez também remodelados por uma nova divisão territorial do trabalho, e que são importantes também para o estudo destas questões. A pequena cidade de Flora Rica surgiu neste movimento de transformação do território brasileiro.

As voláteis redes que emergiram ou se findaram na década de 1950 foram também a expressão da especulação fundiária e financeira que assolaram o país, como as que atuaram na colonização do Oeste Paulista. Silva (1989) e Fresca (1990), discutem estas questões e apontam para a CPEF, a

Companhia de Boston Castle (que colonizou Adamantina), a Companhia de Max Wirth (Oriente) e a companhia japonesa (Bastos) como exemplos visíveis desta política de especulação fundiária.

Podemos destacar no estudo do papel das pequenas cidades na rede urbana as relações que são produzidas e construídas nas cidades, e como elas se identificam com o espaço urbano, regional ou global. As identidades formadas pelo arranjo complexo de papéis de uma determinada cidade podem configurar-se na articulação de como ela participa na rede urbana, e por isso, demonstrar determinado nível de funcionalidade.

Trabalhando nesta perspectiva, teríamos como ferramenta a apreciação da produção do espaço urbano integrada às especificidades e características particulares de determinado lugar, e desta forma, a construção e formação de papéis com a consolidação de práticas. Flora Rica não se desvincula da história produzida por determinados agentes em seu território, e ao mesmo tempo, reproduz em suas relações determinados hábitos ora assentados no rural, ora no urbano. Urbano e rural não são realidades excludentes, mas são realidades integradas e conexas na análise do espaço de Flora Rica.

As cidades não são desvinculadas do plano global e apesar de Flora Rica ser uma cidade pequena (cidade local, para Santos, 1993) ela cumpre seu papel na divisão internacional do trabalho, assimilando em seu território a produção da cana que será beneficiada e transformada em álcool e açúcar pelas usinas sucroalcooleiras de sua região como a Vale Verde, Alto Alegre e Floralcool. Na verdade, a cana é hoje um produto internacional. As redes propiciam a reterritorialização e redefinição de papéis das cidades e estão para além de um “lugar”. Neste âmbito, Corrêa (1989, p.67) salienta que

o papel das cidades na distribuição de bens e serviços acentuou-se com o capitalismo. Nesta acentuação verificou-se uma integração paulatina das cidades, originando redes regionais e nacionais de centros. A integração foi acompanhada pela hierarquização das cidades, uma decorrência dos diferenciais de demanda e oferta de bens e serviços. Formaram-se então redes de distribuição de bens e serviços. Formaram-se então redes de distribuição de bens e serviços, isto é de localidades centrais.

As cidades passam a ocupar funções na divisão do trabalho e o capitalismo, além de procurar homogeneizar os modos de vida das pessoas, heterogeneiza territórios e os subordina ao poder e à subjugação de outros lugares com maior poder de “barganha”. As cidades pequenas encontram-se na periferia das divisões econômicas e políticas e acabam por ter uma participação reduzida ou precária na rede urbana, ocupando apenas o status de cidade local na hierarquia, embora a mesma seja de dimensão regional.

As relações entre campo e cidade geralmente ganham uma outra conotação e as redes passaram a gerir as relações interurbanas. “[...] A rede urbana, por onde circula a produção rural, constitui-se assim em uma cadeia de drenagem sobre o campo.” (CORRÊA, 1989, p. 58). Em Flora Rica, isto não é diferente, pois é o espaço rural que participa fortemente na dinâmica das redes no nível regional, pois os produtos em geral não passam pela cidade para serem processados, mas são comercializados diretamente com outros centros. Com a modernização e o aparecimento de novas variáveis sociais, culturais e econômicas o meio técnico científico informacional (SANTOS, 1993) ganha preponderância sobre as demais relações entre lugares e no surgimento de paisagens e regiões diferenciadas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao modernizar o território, o Brasil impulsionou um processo de (re)configuração espacial que trouxe, em seu bojo, particularidades e características singulares. A regulamentação do estatuto da terra e do estatuto do trabalhador rural contribuiu para um *novo arranjo de espacialidades* (expressão de SOJA, 1993). A cidade pequena passa a sofrer mudanças profundas em sua estrutura e acaba por se tornar muitas vezes cidades dormitórios, ou mesmo um lugar de descanso para bóias frias e de pessoas idosas, pois os jovens acabam por deixar esses núcleos em busca de melhores condições de vida em centros maiores.

Flora Rica encontra-se na periferia da rede urbana e o seu território é marcado fortemente por estruturas tradicionais de produção que acabam por reproduzir hábitos e costumes de nível rural.

Analisar esta pequena cidade requereu o exercício da reflexão empírica para que fôssemos levados à essência e assim pudéssemos evidenciar as contradições espaciais da cidade embutidas no complexo arranjo de produção espacial que torna a cidade singular e particular e que a integra ao universal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, Ana F. A. A (Re)Produção do Espaço Urbano. São Paulo: Editora da USP, 1994.

CORRÊA, R. L. A Rede Urbana. São Paulo: Editora Ática, 1989

DOLLFUS, Olivier. O espaço geográfico. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

FRESCA, T. M. A Dinâmica Funcional da Rede Urbana do Oeste Paulista. Estudo de casos: Osvaldo Cruz e Inúbia Paulista. 1990. 282 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFSC, Florianópolis.

Informações estatísticas da cidade de Flora Rica. Disponível em <<http://www.seade.gov.br>> acesso em 04/08/2005.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. Espaço e sociedade: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1982.

SILVA, Rubens Galdino da. Incorporação da Nova Alta Paulista no setor produtivo do Estado de São Paulo: município de Adamantina (1937 a 1959). Assis: 1989. (Dissertação de Mestrado)

SOJA, E. W. Geografias Pós Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SPOSITO, E. S. Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

WANDERLEY, M. de N. B. Urbanização e Ruralidade: Relação entre a pequena cidade e o mundo rural e estudos preliminares sobre os pequenos municípios em Pernambuco Recife: UFPE, 2001. Disponível em: <<http://fundaj.gov.br/observanordeste/obed001f.doc>>, acesso em 15/01/2006.